

Elaborações e empecilhos do luto na infância: estudo de produções textuais psicanalíticas entre 2020 e 2024¹

Emanuelle Schuwart Fornasier Rossi²

Lucas Guilherme Fernandes³

Resumo

O luto é um processo experienciado decorrente de uma perda, que pode ocorrer em qualquer fase da vida, inclusive na infância. Apesar disso, assuntos relacionados à morte, ainda hoje, continuam sendo tabu para muitas pessoas. Devido a essa construção cultural, a concepção acerca da morte, por parte dos adultos, pode tornar-se um empecilho para a elaboração do luto das crianças, ao colocarem-nas em uma situação de recusa e privação desse momento, utilizando elementos fictícios para justificar a perda. Assim, a presente pesquisa objetivou compreender as particularidades da experiência de perda no período da infância, considerando a falta de informação fornecida às crianças como um impedimento para o trabalho de luto realizado por elas. Por meio de uma revisão bibliográfica de artigos e livros que abordaram a temática do luto na infância, sobretudo, de direção psicanalítica, puderam-se evidenciar a necessidade de ofertar às crianças a participação nos ritos e o diálogo sobre a morte e o luto em face da importância para a elaboração. Com isso, ressalta-se, ainda, imprescindível a realização de mais estudos relativos à temática como forma de disseminar a realidade do luto, também vivenciado pelas crianças como experiência válida, com as particularidades discutidas.

Palavras-chave: Luto infantil, Luto da criança, Psicanálise, Família.

¹ O presente trabalho é fruto do término de iniciação científica (IC), cujo título é “A elaboração do luto na infância: estudo de produções textuais psicanalíticas entre 2020 e 2024”.

² Psicóloga graduada pelo Centro Universitário Uniredentor/Afya (Rio de Janeiro, Brasil). Experiência em atendimento clínico infantojuvenil e adultos, incluindo crianças em experiências de luto e participação na elaboração de um grupo de acolhimento a pessoas em situação de luto. E-mail: manufofnasier@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-8354-8226>.

³ Psicanalista. Doutorando em psicologia (Clínica e Subjetividade) pela Universidade Federal Fluminense – UFF. Mestre em Pesquisa e Clínica em Psicanálise pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ. Especialista em Atenção Psicossocial na Infância e Adolescência pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - IPUB/UFRJ. Psicólogo, graduado pela UFF. Docente de psicologia da Uniredentor/Afya, Itaperuna (Rio de Janeiro, Brasil). E-mail: lucasguilhermefernandes@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0009-0003-4800-3059>.

Introdução

A experiência da perda é uma condição universal. Tal condição de nossa vulnerabilidade à perda e ao trabalho de luto, como nos esclarece Butler (2019), nos possibilita repensar a possibilidade de comunidade com base na vulnerabilidade e na perda; posto que, todo sujeito está suscetível a perder alguém ou algo de significativa importância. Assim, é provável que, em algum momento da vida, toda pessoa esteja diante da perda e exposta a experiência de luto – o que não obrigatoriamente está restrito à morte –, mas a algo ou alguém que tenha tamanha importância e significado para aquele que o perde. Tal como elucida o célebre artigo “Luto e melancolia” de Freud (1917/2016): a condição do luto é que o objeto perdido tenha significativa importância para o Eu, ocupando, para ele, um lugar de objeto de amor.

Partindo do pensamento freudiano, o luto e a melancolia são diferentes modos de reação do sujeito diante da perda de um objeto. Entretanto, ao tratar sobre o luto, Freud (1917/2016) destaca que, embora este acarrete perturbações que afetem a vida e as relações, ele não é situado como algo patológico, pois segundo o autor, o sujeito sabe explicar o que ocorreu nessa dimensão da perda. Na melancolia, por sua vez, o sujeito se depara com um estado profundo de tristeza e perde o interesse pelas coisas, provocando uma dimensão desconhecida para o sujeito, no qual decorre a perda da autoestima – fator relevante que não ocorre no luto –, distinguindo-o deste.

No luto, com a perda do objeto amado, o interesse psíquico que estava a ele direcionado é rompido e, ao acontecer a ruptura desse superinvestimento, há, como resultado, os sentimentos de solidão e angústia. Na melancolia, há uma perda do objeto, assim como no luto, todavia o sujeito não sabe o que ali foi perdido. No luto, o mundo do sujeito enlutado torna-se vago e desprovido de sentido; enquanto, na melancolia, é o próprio Eu que se perde e torna-se vazio, havendo a perda da autoestima e, por conseguinte, um sentimento de inferioridade e incompetência. No ângulo terapêutico, portanto, não se trata de recusar tal concepção, contrariando o sujeito na descrição de suas próprias acusações, mas compreender as razões que o levam a essas recriminações. Freud afirma que,

Tanto do ponto de vista científico quanto do terapêutico, seria igualmente infrutífero contrariar o doente que apresente essas acusações contra seu Eu. De alguma forma ele deve ter razão em descrever algo que é como lhe parece. [...] Em algumas de suas outras recriminações, ele nos parece igualmente ter razão e até mesmo captar a verdade com mais agudeza do que outras pessoas, não-melancólicas. [...] talvez ele tenha se aproximado bastante, a nosso ver, do autoconhecimento, e só nos perguntamos por que é preciso primeiro que alguém fique doente para se ter acesso a uma verdade como essa (1917/2016, p. 103).

Na melancolia, a libido investida no objeto que fora perdido não se transferiu para outro objeto, como no luto, mas recolheu-se no Eu; esse recolhimento passou a determinar uma identificação do objeto com o próprio Eu. Agora, a atenção não está mais voltada ao objeto abandonado em si, mas para a relação objeto-Eu. Tal relação, na teoria freudiana, justifica-se na escolha do objeto amado a partir do modelo narcísico, no qual, de acordo com Freud (1917/2016), apesar do conflito com o objeto, a ligação amorosa não é rejeitada. A perda do objeto amado traz, como efeito, a ambiguidade das relações amorosas. Tanto no amor

mais radical quanto no suicídio, o Eu é sempre dominado pelo objeto: de tal modo, Freud (1917/2016) compara a melancolia a uma ferida aberta que suga as energias de investimento, empobrecendo o Eu.

Cabe ainda destacar que, se o objeto perdido não possui importância para o Eu, sua perda não provocará nem o luto nem a melancolia. O luto é um processo subjetivo, em que cada sujeito o vivencia de determinada forma. Entretanto, como ressaltado por Rodrigues (2020), o impedimento da possibilidade de velar a pessoa amada – ou mesmo o rito presente na cultura em que o sujeito se encontra inserido – torna-se uma forma de impossibilitar a realização do trabalho de luto, que é tão fundamental aos indivíduos.

A experiência do luto, diante da perda, é de extrema importância para a aceitação da morte e o reinvestimento libidinal na vida após essa experiência. Para além de uma questão individual, o luto e a perda são perpassados por uma questão cultural. Em diferentes lugares, a morte é vista de forma particular, mas, apesar disso, todas as culturas têm ritos e práticas para enlutar a pessoa perdida, sendo a principal função dos ritos dar concretude à morte (Rodrigues, 2020).

Mesmo na infância, os ritos são de suma importância, uma vez que se torna necessário construir psiquicamente um sentido para o que lhes aconteceu. Em outro momento histórico, como assinala Ariès (1974), as crianças participavam e assistiam aos ritos e despedidas do morto, ao passo que eram poupadas de questões relacionadas ao amor. Hoje, “quando não veem mais o avô e se surpreendem, alguém lhes diz que ele repousa num belo jardim por entre as flores” (Ariès, 1974, p. 89).

Quando a perda é vivenciada por crianças, muitos pais acreditam que não devem falar diretamente sobre a morte com elas; devido à crença da vulnerabilidade infantil, acreditam que elas não têm capacidade de compreender assuntos relacionados à finitude da vida. Assim, buscam elementos fictícios ou religiosos em frases como: “essa pessoa virou estrelinha” ou “foi morar no céu” para encontrar uma explicação que consideram adequada para a criança. Segundo Bowlby (1973/2019), esse manejo dos pais acaba sendo um empecilho para a elaboração efetiva do luto para as crianças, que, apesar de buscarem diminuir ou evitar o sofrimento dos pequenos, acabam deixando-as confusas com os acontecimentos da perda, ou ainda, no desconhecimento dessa perda.

Independentemente da cultura e da idade, cada sujeito, criança ou adulto, necessita de encontrar artifícios simbólicos – no qual os ritos fúnebres encontram um lugar especial – para contornar a ausência deixada pelo objeto perdido. Como a criança pode despedir-se, se não lhe é contado o que aconteceu? Como é possível elaborar e realizar o luto e seu trabalho, se a criança é deixada na ignorância e desconhecimento de sua perda? Em face da função do luto, como mecanismo para elaboração das perdas que o indivíduo vivencia ao longo da vida, é possível constatar que a vida e a morte estão intrinsecamente conectadas. Diante disso, ao sofrer uma perda, o que sobra para aquele que ainda vive? Como a criança elabora essa falta? E, para além disso, o que passa a faltar nele? Tais são as questões que nortearam nossa pesquisa de iniciação científica.

Método

A metodologia adotada foi de revisão bibliográfica (pesquisa, levantamento e análise de publicações) acerca da temática do luto em artigos científicos, na qual se constatou, principalmente, uma orientação psicanalítica. E também, em vista da escassez do tema, foram incluídos livros, completos ou parciais, de autores cânones no campo, sem delimitação temporal. A busca de literatura foi realizada nas seguintes bases de dados: Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e SciELO. Para pesquisa e seleção de material, foram considerados os seguintes descritores: “luto + infância”, “luto + criança” e “luto + psicologia”. O período de busca se deu de agosto a novembro de 2023.

Delimitou-se a ênfase no período da infância, diante dos poucos materiais encontrados, no que se refere à experiência de luto nesse período. Considerou-se o período da infância até 12 anos incompletos, de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente [ECA] (ECA – Lei n. 8.069/1990). Foram inicialmente admitidos nesta pesquisa textos dos últimos cinco anos, entre os anos de 2020 e 2024, em português. Posteriormente, estendemos a pesquisa para demais artigos encontrados com a temática proposta, com as palavras-chave mencionadas, nas plataformas já anteriormente citadas. Diante do material encontrado, realizou-se a leitura dos títulos e resumos, além de leitura geral dos textos para eliminação de artigos que não tivessem aplicabilidade ao estudo. Na pesquisa, não foram admitidos artigos sobre familiares que perderam crianças e filhos, apenas aqueles que abordavam a perda e a elaboração do luto realizado pela criança.

A análise levou em conta dados em relação ao período, como título, ano de publicação e ao conteúdo das pesquisas, como referencial, discussão realizada, objetivos e resultados. Para a discussão das pesquisas encontradas, definiram-se autores levando em consideração a leitura que fizeram acerca do luto, além de suas contribuições sobre essa temática no campo psicanalítico. Dentre os autores selecionados, estão Sigmund Freud, Jacques Lacan e Melanie Klein, além de autores contemporâneos que estudam o tema.

Lutos da criança, lutos dos pais de crianças: primeiros mapeamentos do campo

O fato de serem encontrados majoritariamente estudos que dizem respeito aos lutos realizados pelos pais de crianças ou sobre o luto de mães diante da perda dos filhos, evidencia-se o quanto ainda o luto das crianças é considerado difícil. Ademais, o tema da morte se mostra complexo de ser pensado no período da infância, pois demanda também que o adulto se defronte com a realidade da finitude da vida, à qual o Eu não quer sucumbir. Sob outra perspectiva, compreende-se que a experiência que torna a morte insuportável não é somente a representação da própria morte, uma vez que ela não se inscreve no inconsciente, mas também o encontro da própria finitude do Eu a partir da perda e morte de um outro.

Na infância, as perdas de maior impacto vivenciadas pelas crianças acontecem no contexto familiar (Ramos, 2018). Entretanto, por si só, a morte, quando anunciada, causa grande impacto se o objeto for de significativa importância para o sujeito, por se apresentar como uma realidade irreversível (Araujo, 2020; Mariotto, 2020). Em sua investigação acerca

do luto, Allouch (2004, p. 30) diz que não se trata apenas do objeto em si que é perdido, mas, na experiência do luto, de uma “dupla perda”, pois algo do sujeito, com esse objeto, também se esvai: “O enlutado”, afirma o autor, “está às voltas com um morto que está indo embora levando consigo um pedaço de si”. Dessa forma, ao perder esse objeto, será necessário ao sujeito em sofrimento compreender o lugar que esse objeto ocupava em sua vida e o vazio que se abre com a perda.

Lacan (1959-1960/2016) acrescenta ainda outra face da dialética do luto, na qual o sujeito perde o que ele próprio era para o outro, sua falta. Somente nessas condições é que se pode realizar um trabalho de luto. O luto, portanto, traz diferentes interfaces e ópticas de compreensão. Diante da construção cultural da morte, intrinsecamente associada aos sentimentos de tristeza, o luto, paradoxalmente, torna-se um processo individual; ainda que também seja uma construção coletiva (Medeiros *et al.*, 2020). De acordo com Dunker (2023, p. 19), “O luto tem essa potência de reunir, sem dissolver a perda de uma pessoa querida e a morte de tantas outras tão distantes, desconhecidas e quase não enumeráveis”. Essa realidade pôde ser exemplificada durante a pandemia de COVID-19, quando o luto se tornou uma experiência coletiva e as perdas por parte das crianças foram invisibilizadas (Cassamali & Fernandes, 2023).

É possível observar ainda que, no período da COVID-19, as experiências de perdas do objeto decorrentes da morte encontraram barreiras com a interdição de participação e ritualização por causa dos protocolos de isolamento (Medeiros *et al.*, 2020). Nesse momento, a morte se tornou mais real, palpável e próxima. Com isso, o impedimento da constituição dos ritos fúnebres para a despedida dos entes, também. Pessoas que morreram de COVID-19 tiveram seus túmulos marcados e seus corpos velados de forma coletiva e restrita (Campos *et al.*, 2023; Cassamali & Fernandes, 2023). A partir da precarização dos processos de enfrentamento individual, foi por meio do laço social com o coletivo que se tornou possível vivenciar o sofrimento trazido por tantas perdas (Medeiros *et al.*, 2020).

Com esse movimento, a morte, nos meios de comunicação, dia após dia, foi escancarada, enquanto a morte do próximo – a morte íntima – foi evitada, pois é essa morte que dói no sujeito:

Cenas de violência e destruição escancaram a morte longínqua e, distantes, representam o fim do outro, e sobre essa morte não há tabu. Esta censura, em vez disso, fala da morte íntima, aquela que transpassa a história de vida do sujeito, que anda de mãos dadas com os afetos: morte de familiar, de amigo, a morte de si (Alencar *et al.*, 2022, p. 68).

Esse mesmo movimento se relaciona à possibilidade de elaboração e diálogo em relação às temáticas da morte, quando se trata de crianças. A censura à criança está presente quando a morte acontece próxima a ela e costuma lhe ser negada a possibilidade de construção e participação na perda vivenciada. No que se relaciona a essa fase, muitas crianças são impedidas pelos pais ou responsáveis de participar dos ritos. Segundo Lacan (1959-1960/2016, p. 360), os ritos fúnebres servem para “satisfazer a chamada memória do morto”. Nesse mesmo sentido, para Rodrigues (2020), os ritos têm a função de dar concretude à morte. E, segundo Teixeira (2006), baseando-se em estudo de um caso clínico, situa a resposta psicossomática numa criança pequena – episódios muito fortes de asma brônquica – remetida às vicissitudes

das relações objetais construídas com os pais comprometidos pela culpa que impossibilitava o luto e seu doloroso trabalho.

A articulação dos sinais da criança pequena em uma rede simbólica que possibilite os deslocamentos das manifestações psicossomáticas em direção a alternativas outras de reconstituição subjetiva indica-nos que muito há para ser construído em um processo de análise. As intervenções precoces ampliaram a visibilidade dos pais em relação à filha, contribuindo para o redimensionamento dos lugares subjetivos paternos e fraternos, sendo aos pais dada a oportunidade de traçar percursos que, embora ligados aos de seus ascendentes, não sejam cristalizados em elos de inserção filiatória marcados pela dívida, pela culpa, pelo segredo e pela dor, que não permitem o existir (Teixeira, 2006, p. 72).

As perdas de entes queridos no período da pandemia de COVID-19 foram difíceis para os adultos, assim como também o foi para as crianças – mas parece que, para elas, o acesso à elaboração não teria sido permitido: qual a possibilidade, para a criança, de realizar os ritos como forma de despedida e concretização da perda? Considera-se essencial que a criança tenha a possibilidade de realizar uma construção simbólica para elaborar a perda vivenciada. Diferentemente dos adultos, para além da fala, as crianças utilizam elementos lúdicos (desenhos e brincadeira) no processo de elaboração; veículo de associação livre para crianças.

Bianchi *et al.* (2020) ressalta a importância dos símbolos e do brincar como particulares ao processo terapêutico com crianças. É brincando que a criança veicula suas experiências e irá depositar seus significados por meio da linguagem em busca de uma construção por intermédio do brincar. Assim como Klein (1997), Bianchi *et al.* (2020) afirma que o brincar é a maior forma de expressão de uma criança, posto que, por meio dela, a criança tem a possibilidade de realizar associações de sua experiência de modo simbólico em uma análise.

O lúdico torna-se essencial como instrumento para crianças em processo de luto, uma vez que a morte e suas consequências passam a ter um lugar para significação e possibilidade de externalização de questões relativas a esse momento vivenciado (Bianchi *et al.*, 2020). Entretanto, os significados trazidos em determinadas brincadeiras nem sempre são isolados. É importante estar atento à criança e compreender de forma integral o contexto analítico em que se apresenta, haja vista que um mesmo brinquedo pode ter inúmeras representações em suas construções. Assim como estar atento à maneira como a criança brinca, de que forma ela modifica e transita entre as brincadeiras são fundamentais no processo analítico, direção e prosseguimento (Klein, 1997).

Implicações culturais no olhar da criança sobre a morte

Em estudo clínico qualitativo realizado com meninos e meninas enlutados, em decorrência da morte de um ou ambos os genitores, entre três a oito anos de idade, Franco e Mazorra (2007) investigam as fantasias da criança enlutada pela morte. As autoras também destacam a ausência de trabalhos brasileiros acerca do luto da criança e descrevem as reações e sintomas que podem ser apresentados por crianças de faixas etárias diversas que vivenciam diferentes tipos de perda.

A morte de um genitor é uma das experiências mais impactantes que a criança pode vivenciar. Com os pais, morre também a ilusão narcísica da onipotência infantil em um momento em que ela é necessária como fonte de segurança. Diante da ausência irreversível de um vínculo provedor de sustentação, a criança se depara com profundos sentimentos de desamparo e impotência (Franco & Mazorra, 2007, p. 504).

Ressaltando o conceito psicanalítico de fantasia, principalmente na psicanálise de orientação francesa, as autoras referem-se ao mundo imaginário, aos conteúdos e atividade criadora que o animam. Cabe ainda destacar com Laplanche e Pontalis (2022, p. 169) que a fantasia é o “roteiro imaginário em que o sujeito está presente e que representa, de modo mais ou menos deformado pelos processos defensivos, a realização de um desejo e, em última análise, de um desejo inconsciente”. Assim, das fantasias identificadas nos participantes, as autoras mencionam as de aniquilamento, onipotência, culpa, castração, regressão, fantasias reparatórias, de identificação, de idealização e desidealização do objeto perdido, negação da perda, retaliação, rejeição, repetição e fantasias agressivas (vingança).

O sentimento de desamparo parece ser aquele que predomina na mobilização das fantasias da criança, o que aponta para o fato de que a situação de morte de um ou ambos os pais geram, na criança, um sentimento de profunda ameaça em sua sobrevivência física e emocional. Isso se agrava pelo fato de que a criança, além de perder um dos genitores, perde também a situação familiar anterior, pois a família necessita reorganizar-se após a perda de um de seus membros. Além disso, o genitor sobrevivente ou responsável, em razão do vínculo com o falecido, está também muito mobilizado com a morte, o que acarreta uma dupla perda para a criança e uma sensação de maior desamparo (Franco & Mazorra, 2007, p. 508).

As autoras ainda ressaltam os empecilhos na elaboração do luto para crianças, dividindo-os em empecilhos da família e da criança. Em relação à família, encontra-se o não fornecimento de informação correta a respeito da morte do genitor; atitude de negação do sofrimento por parte da família; não compartilhamento do luto com a criança; exigência consciente ou inconsciente de que a criança ocupe o lugar do genitor perdido; continência insuficiente para os sentimentos de desamparo e abandono da criança; relação muito ambivalente com o membro perdido; distanciamento afetivo do genitor sobrevivente na família. No que tange à criança, estão a relação ambivalente com o genitor perdido, confusa e indefinida; ser do mesmo sexo que o genitor; relação de apego ansioso (Franco & Mazorra, 2007).

Tinoco e Franco (2011), ao discorrer acerca do processo de luto e separação do genitor, ressaltam as especificidades na elaboração da experiência de perda e luto para crianças que são institucionalizadas, considerando as variáveis que nomeiam como “fatores de risco” ou “fatores de proteção”. No estudo, demarcam as dificuldades e o enfrentamento da adaptação da criança à instituição e à nova realidade. É importante ressaltar, como observam as autoras, que a presença ou ausência de um fator de risco ou proteção não determina, por si só, as consequências da experiência, mas, sim, a relação entre a presença e ausência de vários desses fatores.

Em consequência de todos os resultados devastadores da morte, o luto está diretamente relacionado a essa realidade. Com a perda, aparece a tristeza, a mágoa, o sentimento desolador e atroz. Sentimentos que, muitas vezes, não há palavra que conforte, acalme e acalente, pois

nada pode trazer o que foi perdido de volta. Diante disso, o luto, muitas vezes, é vivenciado de forma oculta, quase como um erro, algo que precisa ser escondido. Para as crianças, torna-se ainda mais secreto, um tabu, indesejável de ser dito e explicado pelos pais.

Em outro estudo exploratório, com responsáveis por crianças que sofreram a perda de um parente próximo, entre dois e oito anos de idade, Torres (1978 citado por Lima & Kovács, 2011) destaca, a relação entre o desenvolvimento do conceito de morte e o nível de desenvolvimento cognitivo sob a perspectiva piagetiana; a amostra foi de 183 crianças entre quatro e 13 anos de idade. Torres (1978 citado por Lima & Kovács, 2011) observou três estágios de compreensão do conceito de morte que descrevem o pensamento infantil em seus períodos de desenvolvimento cognitivo: No primeiro nível (característico do período pré-operacional), as crianças não organizam de forma clara a diferença entre animados e inanimados. Além de não assimilarem a morte como um processo irreversível, presumem, ainda, vida na morte. No segundo nível (característico do período operações concretas), já conseguem distinguir os animados e inanimados, além de realizarem a separação entre vida e morte a partir de elementos perceptíveis. Apesar de não elaborarem explicações biológicas, compreendem a morte como uma condição irreversível. No terceiro nível (característico do período operatório formal), junto com o estabelecimento de uma ampla distinção entre os animados e inanimados, as crianças admitem que a morte alcança todos os seres animados, fornecendo também explicações biológicas.

Lima e Kovács (2011) recolhem, nos dados da pesquisa, as questões acerca da comunicação da morte à criança e a variação no tempo. No estudo, nota-se que as crianças mais velhas foram postas a par de imediato; enquanto as mais novas não receberam a notícia no mesmo dia. De forma que duas receberam a notícia do ocorrido no dia seguinte, e a terceira somente um ano depois. Dentre as dificuldades e empecilhos, da parte dos pais, as pesquisadoras ainda ressaltam que, na tentativa de esconder sentimentos, principalmente tristeza, raiva e medo, haveria a crença de que é importante proteger a criança da dor e do sofrimento. Essa atitude evidencia uma forma de conspiração do silêncio, comum atualmente, em tempos de morte interdita.

Alencar et al. (2022) trazem concepções que, diante da questão da morte, observa-se, com frequência, o discurso religioso da construção que a pessoa perdida foi “morar no céu”. Essa realidade reflete o atravessamento da visão da criança sobre a morte pelo discurso do outro; que se transmite por meio da inserção na cultura e da linguagem. Essa realidade é evidenciada, também, por Araújo (2020, p. 213-214):

Além dos sintomas que se apresentam no real, a falta da simbolização do luto infantil faz com que o imaginário também entre em jogo, criando fantasias e ideias equivocadas acerca do que ocorreu com a pessoa que morreu. Comumente, vemos falas como “foi embora”, “foi para o céu”, “está viajando”, “foi ver o vovô” “está com papai do céu”.

Questionamentos sobre as causas da morte, mudanças bruscas após a morte e a impossibilidade de participarem dos rituais fúnebres estão entre os principais questionamentos feitos por crianças em casos que perderam um dos genitores de forma brusca por homicídio, de acordo com Menezes e Borsa (2020). Isso evidencia a necessidade da inserção desse tema com as crianças, de forma respeitosa e zelosa – visando sempre uma linguagem coerente com

a idade nesse momento de perda –, na medida em que a forma como o assunto é abordado pode gerar mais dúvidas e angústias. Com essa construção, e o fenômeno de interdição da possibilidade da fala ao que se relaciona à morte e à perda, é possível que as crianças compreendam essas concepções em sentido literal, fazendo com que ocorram construções imaginárias, por exemplo, o abandono (Araújo, 2020).

A forma pela qual as crianças exprimem a morte é perpassada, na maioria das vezes, por sentimentos de tristeza e o medo de novas perdas do outro. Assim como, também, a possibilidade da própria morte, evidenciando a construção social negativa em torno da morte no contexto social em que se inserem. Entretanto, o sentimento de tristeza diante da morte não é um indicador de incapacidade das crianças de lidarem com a perda; afinal, não apenas as crianças, mas também os adultos sofrem com a perda de um objeto que tenha grande importância e com a finitude. A tristeza se torna um indicador para que a criança seja acolhida e ouvida como forma de auxílio nesse processo de elaboração, uma vez que a tentativa de obstrução da criança sobre a temática da morte não fará com que ela não vivencie perdas ou se depare, em algum momento, com a realidade da própria morte *et al.*.

Apesar disso, muitas crianças demonstram compreender que a morte é um processo inerente a todos os seres humanos. Cada qual com representações próprias diante de seu entendimento da significação da morte, sendo influenciadas pelas diferentes faixas etárias e construções culturais (Alencar *et al.*, 2022). Nesse contexto, Ramos (2018) considera que a família tem importância fundamental para o equilíbrio emocional das crianças e adolescentes, uma vez que os indivíduos são resultado de suas vivências passadas; inclusive das famílias em que cresceram e tiveram a possibilidade de construir laços.

Como é evidenciado por Araújo (2020), a elaboração do luto pode ser pensada não como a possibilidade de se desfazer dos sentimentos relacionados ao objeto perdido, e sim de viver sem que a perda se torne um fator de impedimento para a continuidade da vida. Para muitos adultos, lidar com essa temática é um desafio devido ao confronto com a realidade da própria finitude; o que impacta diretamente na criança e no luto pessoal. Diante disso, em muitos casos, a intervenção de um profissional pode ser benéfica para auxiliar a elaboração do luto, quando necessário (Bianchi *et al.*, 2020).

Imersos em suas perdas, os adultos muitas vezes podem acabar se esquecendo do sofrimento vivenciado pelas crianças; ou, por outro lado, como forma de evitar fazer que os pais sofram mais, os filhos mascaram suas próprias tristezas. Ramos (2018) afirma que essa dificuldade de expressão pode ter repercussões nos mais diversos âmbitos da vida de um indivíduo, do isolamento social até o baixo rendimento escolar. A maneira como o luto é elaborado e vivenciado ou não na infância tem repercussões e inferências não só na infância, mas por toda a vida adulta. Ramos (2018), em seu estudo sobre a experiência da perda de irmãos na infância e suas repercussões na vida adulta – mesmo quando os irmãos permanecem vivos –, afirma que esse momento deixa marcas profundas, com efeitos que se estendem ao longo de toda a vida. Em uma das respostas, um entrevistado da pesquisa afirma que “[...] esse receio de voltar a perder alguém significativo está de tal modo enraizado no coração das pessoas que é um fator emocionalmente limitante na construção de laços afetivos, mesmo com os próprios filhos” (Ramos, 2018, p. 2352).

Cabe ainda ressaltar que, socialmente, a morte está associada à velhice. Entretanto, é importante pensar a morte em outras realidades que não sejam somente após uma longa vida, tal como ocorre com idosos, ou nas experiências de hospitais, após determinada doença. A morte acontece nos mais diversos contextos, brutais ou não, pois é condição da vida. Fedri (2023), ao pesquisar sobre as repercussões de atentado em uma escola nas vítimas, pôde observar que as crianças apresentaram grande necessidade de falar sobre o ocorrido e como isso as havia marcado. Nesse momento, não se trata apenas da morte do outro como algo distante depois de uma longa vida, mas de um outro próximo, alguém que poderia ser o próprio sujeito, evidenciando a realidade da própria finitude.

Considerações finais

O luto é uma realidade vivenciada de forma singular, independentemente da idade. Para a criança, é fundamental que seja fornecido um ambiente seguro de fala e escuta sobre a perda vivenciada, uma vez que omitir ou se esquivar das questões relativas à morte não fará com que a criança deixe de deparar-se com a dimensão da perda e a possibilidade do luto. Desse modo, mascarar ou evitar que a criança tenha contato com a realidade da perda não a protege; o que pode resultar em mais angústia diante da nova realidade. Como destacado, juntamente com a leitura de Bowlby (1973/2019), o manejo dos pais pode acabar sendo um empecilho para a elaboração efetiva do luto para as crianças, que apesar de buscarem diminuir ou evitar o sofrimento dos pequenos, acabam deixando-as confusas com os acontecimentos da perda, ou ainda, no desconhecimento dessa perda.

A censura à criança quanto à morte traduz-se na impossibilidade de construção e participação na perda vivenciada. Na tentativa de proteger a criança, essa atitude evidencia uma forma de conspiração do silêncio, comum atualmente, em tempos de morte interdita. Por sua vez, essa tentativa desvela o desafio dos pais em lidar com essa temática, tanto no confronto com a realidade da própria finitude, quanto também na situação em que estes estão situados na experiência do luto. De modo que imersos em suas perdas, os adultos muitas vezes podem acabar se esquecendo do sofrimento vivenciado pelas crianças; ou, por outro lado, como forma de evitar fazer que os pais sofram mais, os filhos mascaram suas próprias tristezas.

Posto isso, é fundamental que a criança tenha a individualidade respeitada nesse momento, com oportunidade de participar dos ritos fúnebres que lhe cabem (necessários para a concretização da perda) e a consequente manifestação do sofrimento concernente à perda. A forma como o luto é vivenciado traz repercussões por toda a vida do sujeito e, por isso, os adultos devem tentar agir de forma a amainar as angústias das crianças, na medida do possível, levando sempre em consideração que a tristeza é indicador de capacidade das crianças de vivenciarem seus lutos.

No âmbito da clínica, as crianças também apresentam suas demandas, mas, diferentemente dos adultos, realizam esse trabalho por meio do lúdico, dos desejos, jogos e brincadeiras, que se tornam a forma que encontram de simbolização daquilo que foi perdido. Apesar de perpassadas pelas crenças e construções daqueles que as cercam, cada criança terá

suas próprias representações do que é a morte, o que deve ser sempre considerado, ouvido e validado. Diante da complexidade e extensão da temática, ressalta-se ainda a necessidade de mais pesquisas sobre o tema, dada a importância da validação da experiência do luto para as crianças diante de suas perdas em toda a sua particularidade.

Por fim, Freud (1917/2016) ao afirmar o aspecto perturbador, mas não patológico do luto, destaca a importância do sujeito encontrar explicações diante de sua perda. Ainda que o sujeito se depare com um estado de profunda tristeza e desinteresse pelas coisas da realidade, sabemos que esse retraimento libidinal fica explicado pelo trabalho de luto realizado pelo Eu. Por sua vez, na melancolia, o desconhecimento da causa de seu estado corresponde estruturalmente à falha no psiquismo que culmina na dor moral do sujeito melancólico.

É nesse ponto, como desdobramento final dessa pesquisa, que encontramos uma semelhança com a condição da criança: assim como o melancólico, ela também é deixada em um estado de desconhecimento quanto à perda – não pela falha do psiquismo, mas pelo lugar estrutural que a recusa do esclarecimento lhe confere. Temos, portanto, duas posições estruturais que compartilham a dor e o desconhecimento da causa de sua perda. Tal aproximação permite-nos compreender que, o empecilho e a recusa do esclarecimento às crianças, mais que uma proteção, podem, em vez de reduzir e evitar seu sofrimento, impedir que encontrem respostas significativas à dimensão da perda que igualmente lhes toca, obstaculizando, portanto, seu próprio trabalho de luto.

Referências

- Alencar, V., Nascimento, I., Santos, I. & Almeida, L. (2022). Compreensão da morte no olhar de crianças hospitalizadas. *Revista Bioética*, 30(1), 63-71. Recuperado em 01/12/2023 em: <<https://pesquisa.bvsalud.org/brasil/resource/pt/biblio-1376488>>.
- Allouch, J. (2004). *Erótica do luto*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Araújo, F. (2020). Concepções sobre luto e morte na infância. In Mariotto, R. M. M. & Mohr, A. M. (Orgs.) *A vivência da morte e do luto na infância e adolescência: recortes psicanalíticos* (1ª ed., pp. 208-224). Salvador: Ágalma.
- Araujo, Fauzy. (2020) Concepções sobre luto e morte na infância. In: Mariotto, R. M. M. & Mohr, A. M. *A vivência da morte e do luto na infância e adolescência: recortes psicanalíticos* (1ª ed., pp. 208-224). Salvador: Ágalma.
- Ariès, P. (1974). *História da morte no ocidente*. Rio de Janeiro: Saraiva.
- Bianchi, D. P. B. et al (2020). Possibilidades da Clínica Gestáltica no atendimento de crianças enlutadas. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 19(4), 1018-1035.
- Bowlby, J. (2019). *Apego e perda: tristeza e depressão* (Vol. 3). São Paulo: Martins Fontes. (Obra original publicada em 1973).,
- Butler, J. (2019). Violência, luto, política. In: Butler, J. *Vida precária* (pp. 39-72). Belo Horizonte: Autêntica Editora.

- Campos, F., Pegorim, L., Silva, N. & Tozati, L. (2023). Os impactos da pandemia para a elaboração do luto infantil: uma revisão de literatura. *Vínculo*, 20(1), 66-72. Recuperado em 12/10/2023 em: <<https://pesquisa.bvsalud.org/brasil/resource/pt/biblio-1513085>>.
- Cassamali, A. & Fernandes, L. (2023), A experiência do luto de crianças na pandemia do Coronavírus: orfandade e seus efeitos nas estratégias de cuidado e assistência infanto-juvenil. *Revista Interdisciplinar Pensamento Científico*, 8(2), 55-66. Recuperado em 08/03/2024: <<http://reinpec.cc/index.php/reinpec/article/view/1178>>.
- Dunker, C. (2023). *Lutos finitos e infinitos*. São Paulo: Paidós.
- Fedri, B. C. (2023). Tiros na escola: algumas referências para a psicologia na assistência à comunidade escolar. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 43, 1-12. Recuperado em 01/12/2023 em: <<https://www.scielo.br/j/pcp/a/vTnrtRn3w6VH84mSfVCbK7B/abstract/?lang=pt>>.
- Franco, M. & Mazorra, L. (2007). Criança e luto: vivências fantasmáticas diante da morte do genitor. *Estudos de Psicologia*, 24(4), 503-511. Recuperado em 01/12/2023 em: <<https://www.scielo.br/j/estpsi/a/yhbQfWtKqLhF7g5m8pyjP4G/>>.
- Freud, S. (2016). Luto e melancolia. In Freud, S. *Obras Incompletas de Sigmund Freud: neurose, psicose perversão* (pp. 99-121). Belo Horizonte: Autêntica. (Obra original publicada em 1917).
- Klein, M. (1997). Fundamentos psicológicos da análise de crianças. In Klein, M. *A psicanálise de crianças* (pp. 23-35). Rio de Janeiro: Imago.
- Lacan, J. (2016). *O seminário, livro 6: o desejo e sua interpretação*. Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1959-1960).
- Laplanche, J., Pontalis, J-B. (2022). *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.
- Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (1990). Estatuto da Criança e do Adolescente. Brasília, DF: Presidência da República.
- Lima, V. & Kovács, M. (2011). Morte na família: um estudo exploratório acerca da comunicação à criança. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 31(2), 390-405. Recuperado em 12/10/2023 em: <<https://www.scielo.br/j/pcp/a/L3xKm8W96yYnCMB3JF6RDZq/abstract/?lang=pt#>>.
- Mariotto, R. M. M. (2020). Morte e luto na criança: a história de apenas um adeus. In Mariotto, R. M. M. & Mohr, A. M. (Orgs.). *A vivência da morte e do luto na infância e adolescência: recortes psicanalíticos* (pp. 208-224). Salvador: Ágalma.
- Medeiros, A., Nóbrega, M., Neves, R., Rezende, S., & Avezum, S. (2020). Os lutos e as lutas frente à pandemia da covid-19. *Sociedade de Cardiologia do Estado de São Paulo*, 30(4), 549-555. Recuperado em 08/03/2024, em: <https://soces.org.br/revista/assets/upload/revista/8555507451608728597pdfpto7_suplementorevistasoces_v30_04.pdf>.
- Menezes, K., & Borsa, J. C. (2020). A morte de pais por homicídio e o luto infantil: revisão sistemática. *Psicologia: teoria e prática*, 22(2), 406-428. Recuperado em 08/03/2024 em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872020000200011&lng=pt&nrm=iso>.
- Ramos, S. (2018). Perder um irmão até à adolescência: experiência na vida adulta. *Revista de Enfermagem UFPE On Line*, 2349-2360. Recuperado em 12/10/2023 em: <<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-995762>>.

- Rodrigues, C. (2020). Por uma filosofia política do luto. *O que nos faz pensar*, 29(46), 58-73. Recuperado em 08/03/2024 em: <<https://oquenofazpensar.fil.puc-rio.br/oqnf/article/view/737>>.
- Teixeira, L. (2006). Morte, luto e organização familiar: à escuta da criança na clínica psicanalítica. *Psicologia Clínica*, 18(2), 63-76. Recuperado em 08/03/2024 em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=So103-56652006000200006>.
- Tinoco, V. & Franco, M. (2011). O luto em instituições de abrigamento de crianças. *Estudos de Psicologia*, 28(4), 427-434. Recuperado em 08/03/2024 em: <[://www.scielo.br/j/estpsi/a/S3qcmWBwYDhh4M8WKYj3V4n/?lang=pt](http://www.scielo.br/j/estpsi/a/S3qcmWBwYDhh4M8WKYj3V4n/?lang=pt)>.

Elaboration and hindrance of the mourning in childhood: study of psychoanalytic textual productions between 2020 and 2024

Abstract

The mourning is an experienced process from the loss, which can occur at any stage of a lifetime including childhood. However, topics related to death can be seen even nowadays as a taboo for many people. For this cultural construction, the conception of death, on the part of adults, can become a hindrance to the elaboration of children's mourning, once they put them in a position of refusal and privation of this moment, using fictitious elements to justify the loss. Thus, this research aimed to understand the particularities of the experience of loss during childhood, considering the lack of information provided to children as an obstacle to their work of mourning. Through a bibliographic review of articles and books that addressed the theme of mourning in childhood, especially those from a psychoanalytic perspective, it was possible to highlight the need to make possible to children the participation in rituals and discussion about the death and the mourning, face of the importance for the elaboration. The survey highlights even essential the realization of more studies related to this thematic as a way to disseminate the reality of mourning also experienced by children rather than a valid experience in all its particularities discussed.

Keywords: Childhood mourning, Mourning in childhood, Psychoanalysis, Family.

Elaboraciones y obstáculos del duelo en la infancia: un estudio de producciones textuales psicoanalíticas entre 2020 y 2024

Resumen

El duelo es un proceso que se experimenta como resultado de una pérdida, la cual puede ocurrir en cualquier etapa de la vida, incluida la infancia. A pesar de ello, los temas relacionados con la muerte siguen siendo tabú para muchas personas hoy en día. Debido a esta construcción cultural, la comprensión que los adultos tienen de la muerte puede convertirse en un obstáculo para el proceso de duelo de los niños, colocándolos en una situación de negación y privación de este momento, utilizando elementos ficticios para justificar la pérdida. Por lo tanto, esta investigación tuvo como objetivo comprender las particularidades de la experiencia de la pérdida en la infancia, considerando la falta de información que se les proporciona como un impedimento para su proceso de duelo. A través de una revisión bibliográfica de artículos y libros que abordaron el tema del duelo en la infancia, en particular aquellos con enfoque psicoanalítico, se destacó la necesidad de ofrecer a los niños la participación en rituales y diálogos sobre la muerte y el duelo, dada su importancia para el procesamiento del mismo. Por lo tanto, también es esencial realizar más estudios sobre este tema para difundir la

realidad del duelo, que también experimentan los niños como una experiencia válida, con las particularidades mencionadas.

Palabras clave: Duelo infantil, Duelo infantil, Psicoanálisis, Familia.

Élaborations et obstacles du deuil dans l'enfance : une étude des productions textuelles psychanalytiques entre 2020 et 2024

Résumé

Le deuil est un processus vécu suite à une perte, qui peut survenir à n'importe quel stade de la vie, y compris pendant l'enfance. Malgré cela, les sujets liés à la mort restent tabous pour beaucoup aujourd'hui. En raison de cette construction culturelle, la compréhension de la mort par les adultes peut devenir un obstacle au processus de deuil des enfants, les plaçant dans une situation de déni et de privation de ce moment, utilisant des éléments fictifs pour justifier la perte. Ainsi, cette recherche visait à comprendre les particularités de l'expérience de la perte dans l'enfance, considérant le manque d'informations fournies aux enfants comme un obstacle à leur processus de deuil. Une revue bibliographique d'articles et d'ouvrages abordant le sujet du deuil dans l'enfance, notamment ceux d'inspiration psychanalytique, a mis en évidence la nécessité d'offrir aux enfants la participation à des rituels et un dialogue sur la mort et le deuil, compte tenu de leur importance dans le processus de deuil. Il est donc essentiel de mener des études complémentaires sur ce sujet afin de diffuser la réalité du deuil, également vécue par les enfants comme une expérience valable, avec les particularités évoquées.

Mots-clés: Deuil infantile, Deuil infantile, Psychanalyse, Famille

Recebido em: 31/05/2024

Revisado em: 12/03/2025

Aceito em: 31/03/2025